

CONTRATO Nº 2810/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

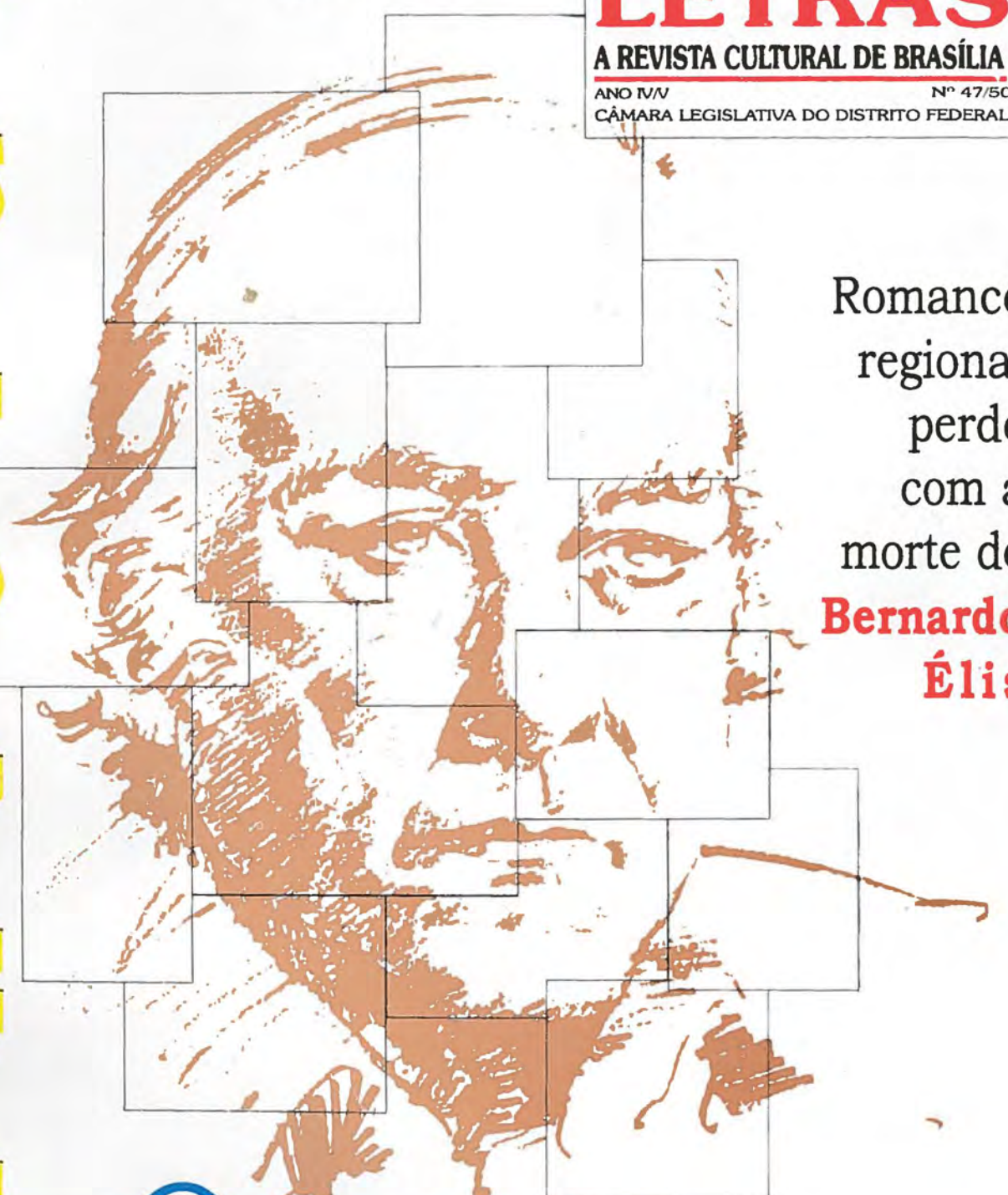
Biblioteca/CLDF

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV/V Nº 47/50
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

V
i
n
i
c
i
u
s



Romance
regional
perde
com a
morte de
Bernardo
Élis

O poeta
Bossa-nova

CACHORRADAS

□ FAFÃO DE AZEVEDO

Já desmoralizado e machucado na retaguarda, o coitado ainda virou motivo de zombaria da molecada da quadra, quando exibia sua bocarra imobilizada dentro daquele artefato de couro.

Diariamente os dois senhores, pacatos funcionários públicos, desciam com os bichinhos de estimação que haviam comprado para suas filhas adolescentes. Além de vizinhos eram cunhados e aproveitavam aquela tarefa matinal para um passeio ao ar livre e um bate-papo familiar.

Walter levava um *cocker spaniel* inglês, pretinho e gracioso, com *pedigree* e tudo, chamado Dudu. Já Afonso vinha com um vira-lata pequenino e feioso, cujo nome era Zero mas não trazia em si nenhum sentido pejorativo.

Zero era educado, andava solto e obedecia ao estalar de uma varinha de madeira com que seu dono batia em sua própria perna para chamá-lo. Dudu, muito sem-vergonha, ia na coleira, pra não afastar-se por demais.

Nas redondezas havia também um oficial da Marinha que possuía um *doberman* enorme, adestrado pelas Forças Armadas e que só obedecia à voz do seu criador. A fera já havia avançado em crianças e mordido outros cachorrinhos da redondeza. Absurdo ter um animal desse porte em um apartamento, mas... a época era de ditadura e aos militares tudo era permitido.

Certa vez, os cunhados estavam tendo uma conversinha amigável enquanto os respectivos totós regavam as plantas do jardim, quando o fe-

roz cão de guarda driblou a governanta da casa do militar e escapou pela porta dos fundos, desembestando escada abaixo até dar de fuças com o Dudu. O pobre cãozinho, por estar amarrado, não teve como fugir, sendo abocanhado pelo monstro. Walter, num reflexo protetor, interpôs seu braço entre a boca do assassino e sua vítima, ficando preso também.

Tudo se fez para tentar acalmar a fúria daquele lobo urbano. A empregada do almirante (ou coisa que o valha, pois não sei exatamente a patente do tal milico), desesperada, discorria todos os comandos que já ouvira pronunciados pelo patrão, mas o danado não reconhecia e mantinha os dentes cerrados. Walter tentava se desvencilhar berrando e assobiando no ouvido do agressor e dando pancada em sua cabeça. Nenhum resultado.

Afonso, então, lembrou da vareta que tinha na mão e introduziu-a, sem dó nem piedade, no fiófo do cachorrão, que soltou um ganido de dor, relaxou as mandíbulas e saiu de rabo entre as pernas em direção à barra da saia de sua ama-seca.

Walter prestou queixa e fez exame de corpo de delito na delegacia mais próxima, e, em conseqüência, o animal foi proibido de transitar fora de sua caserna sem focinheira e corrente. Já desmoralizado e machucado na retaguarda, o coitado ainda virou motivo de zombaria da molecada da quadra, quando exibia sua bocarra imobilizada dentro daquele artefato de couro. Os adultos também não escondiam uma certa satisfação vingativa ao ver aquele símbolo do militarismo tendo que se submeter às leis civis.

Mas a festa durou pouco, pois logo o bicho sumiu de circulação. Correu a notícia de que havia baixado no hospital veterinário com uma hemorragia intestinal forte e não resistiu.

